



Denise Telles e Raul Serrador interpretam a versão coreográfica de *Yerma*, no Teatro Cacilda Becker

Teatro/**CRÍTICA** ▶ 'Yerma'

Dança para Lorca

Macksen Luiz

A dramaturgia de Federico Garcia Lorca esta encharcada de poesia e do sentido trágico que marca uma obra cuja densidade dramática tem na palavra o seu meio de expressão. Em *Yerma* que esta em cena no Teatro Cacilda Becker Lorca trata de paixões subterrâneas emparedadas por um estado opressivo de relações fundamentadas em regras sociais hipócritas. Com o cenário esmaecido da Espanha franquista ao fundo (a referência não é explícita, mas de *pathos* político), *Yerma* trata da segura dos sentimentos de uma feminilidade soterrada pela presença impositiva do homem. Dele emana o poder que apaga a individualidade feminina, reafirmando um código social rígido e repressor. *Yerma* é uma mulher que constrói a sua angústia na maternidade irrealizada. Assume para si a responsabilidade de não gerar, quando na verdade a esterilidade é do marido. Um antigo

companheiro de adolescência desperta o seu interesse afetivo, como uma antevisão das possibilidades abortadas.

Lorca trata das "criaturas do silêncio", que gravitam em torno de suas qualidades vitais, como formas que negam as sensibilidades vivas. As questões tratadas por Lorca são intermediadas por uma poderosa construção poética. Dessa maneira, as tentativas de referendar a idéia de repressão e de aniquilamento quando sublinhadas por cores fortes, tendem a enfraquecer a consistência do drama. É o que acontece com a montagem de Clóvis Levi. O diretor criou um espetáculo que coreografa *Yerma*, transpondo para o movimento (corporal e musical) toda a ênfase da encenação. A dança, por seu caráter não verbal, substitui a palavra pelo gesto com a *intenção* de preencher o *silêncio* com significados abstratos. Acontece que esse é um espetáculo teatral, em que a palavra não foi eliminada. A sua presença se choca com os movimentos coreográficos, jogando para o segundo plano os diálogos que a

música e a dança não conseguem integrar. O convívio desses diversos planos expressivos, acaba por anular as especificidades de cada um. Mas é a poética de Lorca que fica mais prejudicada, amesquinhada pela justaposição de linguagens mal integradas. Os diálogos são tragados por uma carga de espetaculosidade que os distancia da tragicidade. É difícil absorver, do ponto de vista de um clima cênico mais denso, o trio das irmãs. Uma delas é interpretada por uma canhestra figura masculina.

Para reforçar as evidências, o diretor perdeu a essência da peça. Longe de sua poesia e da sua visão trágica, *Yerma* se confunde com uma mistura não completamente integrada de teatro e dança. Apesar do esforço do elenco em sustentar essa linha, há nítida inadequação de alguns à dança e de outros à música. Apenas Carmela Soares, com voz extremamente melodiosa e presença forte, se aproxima do universo poético e trágico de Lorca.

Cotação: ★